

METRÓPOLE SENSÍVEL

Ambiências, atmosferas e tonalidades

Conselho editorial

Alessandra Teixeira Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Laranjeira – PUCRS
André Lemos – UFBA
André Parente – UFRJ
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ
Claudia Attimonelli – UNIBA – BARI
Cristiane Finger – PUCRS
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Erick Felinto – UERJ
Issaaf Karhawi – UNIP
Jaqueline Moll – UFRGS
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Luiz Mauricio Azevedo – UNICAMP
Marcelo Ikeda – UFC
Marcos Aurélio Felipe – UFRN
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Maura Penna – UFPB
Micael Herschmann – UFRJ
Michel Maffesoli – PARIS V
Moisés de Lemos Martins – Universidade Lusófona
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Vincenzo Susca – Montpellier III
Vicente Molina Neto – UFRGS

Apoio:



METRÓPOLE SENSÍVEL

Ambiências, atmosferas e tonalidades

Cíntia Sanmartin Fernandes
Fabio La Rocca
Micael Herschmann (orgs.)



Editora Sulina

Copyright © Organizadores, 2025

Capa: Humberto Nunes (elaborada a partir da obra do artista plástico Rubens Gerchman, intitulada “Projeto mural SESC SP”)

Projeto gráfico e editoração: Cristiano Marques

Revisão: Janaina Mello e Bruno Schroeder

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

M594

Metrópole sensível: ambiências, atmosferas e tonalidades /
organizado por Cíntia Sanmartin Fernandes, Fabio La Rocca
e Micael Herschmann. -- Porto Alegre: Sulina, 2025.
256 p.; 16x23cm.

ISBN: 978-65-5759-214-4

DOI: 10.29327/5568666

I. Sociologia. 2. Antropologia. 3. Sociedade. 4. Jornalismo.
5. Comunicação. 6. Cultura. 7. Mídia. I. Fernandes, Cíntia Sanmartin.
II. La Rocca, Fábio. III. Herschmann, Micael. IV. Título.

CDU: 316

CDD: 301

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

CEP: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3110.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Junho/2025

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

*Por meu campo perceptivo, com seus
horizontes espaciais, estou presente em
meu meio, coexistindo com todas as
outras paisagens que se estendem
além, e todas essas perspectivas
formam juntas uma única onda
temporal, um instante no mundo.*

(MERLEAU-PONTY, Maurice.
Fenomenologia da percepção.

Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971, p. 336)

*Tudo se transforma,
tudo varia –
o amor, o ódio, o egoísmo. [...]
Só persiste e fica,
legado das gerações cada vez maior,
o amor da rua.*

(Rio, João do. A alma encantadora das Ruas.
Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995, p. 3)

Sumário

Experiências sensíveis e imaginários das ambiências, atmosferas e tonalidades urbanas	9
<i>Cíntia Sanmartin Fernandes; Fabio La Rocca; Micael Herschmann</i>	

Parte 1

Afetos, corpos e imaginários urbanos

A cidade “blob-atmosférica”: as formas sensíveis de um imaginário (a) estético	21
<i>Fabio La Rocca</i>	
Ambiências e a experiência coletiva: as narrativas sensíveis em busca da empatia espacial	41
<i>Bárbara Thomaz L. do Nascimento</i>	
Ambiências ruinosas: sondagens urbanas na cidade de Aarhus, Dinamarca	55
<i>Rafael Ferreira de Souza</i>	
“Quando eu morrer quero ficar sepultado em minha cidade”: os cemitérios como espaços urbanos e suas atmosferas	69
<i>Erick Felinto</i>	
Experiência cinética urbana e psicogeografia: dinâmicas e conhecimentos complexos na exploração de cidades	89
<i>Vinícius Andrade Pereira; Renato Guimarães Furtado</i>	
No meio do caminho: “espaciações” de artistas de rua no Rio de Janeiro	101
<i>Danielle Marcia H. de Lacerda da Gama</i>	
Ambiências carnartistas na cidade	115
<i>Cíntia Sanmartin Fernandes; Micael Herschmann</i>	
O Saci e a cidade: uma leitura simbólica das marcações do Saci Urbano	139
<i>Andriolli de B. da Costa</i>	

Parte 2

Imagens, memórias e experiências

“Filmes de ficção são os melhores documentários”: imagens do Recife no filme Retratos fantasmas	155
<i>Julieta Leite; Marília Farias</i>	
O tecido urbano: fotografia, experiência e cidade na contemporaneidade	175
<i>Victa de Carvalho</i>	
Autorrepresentação como estratégia de imaginação política nas produções de fotógrafos populares do Rio de Janeiro	193
<i>Fernando Gonçalves; Yasmin Belo; Maria Eduarda Rocha; Fernanda Duarte</i>	
Transporte, aceleração e hiperstição: novos paradigmas espaço-temporais	209
<i>Claudia Attimonelli</i>	
A arte da sobrevivência: habitar embaixo como poesia do cotidiano	223
<i>Vincenzo Susca</i>	
“Corpos telânicos e afetos midiaticizados”: reflexões sobre elos em ambiências do século XXI	235
<i>Renata Rezende Ribeiro</i>	
Sobre os autores	251

Experiências sensíveis e imaginários das ambiências, atmosferas e tonalidades urbanas

Cíntia Sanmartin Fernandes;
Fabio La Rocca;
Micael Herschmann

A Escola de Chicago inicialmente sugeria que a cidade fosse vista como uma espécie de “laboratório social”. Assim, na década de 1920, autores como Park, Burgess e McKenzie lançaram as primeiras linhas de impacto teórico e metodológico para repensar essa entidade que é a urbe. Desde então, esse “laboratório” não parou de ser ampliado com sugestões de modificações e mudanças, as quais vêm sendo vividas e ressignificadas no cotidiano das experiências urbanas. Como sugere Park, o interesse pelos aspectos socioestéticos implicaria analisar “a cidade como um organismo” (Park, 1925), o que certamente nos ofereceria indicações de um modo de pensar implementado na dinâmica do *sensível*.

Nesse sentido, ao nos inspirarmos na teoria de Sansot (1971, 1986), consideramos o *sensível* uma forma de acesso e predisposição de sentir (por meio do corpo) e (re)sentir as emoções urbanas produzidas nas localidades. Ao mesmo tempo, constituir-se-ia em um conjunto de métodos que permitiriam construir interpretações e perspectivas do imaginário que é perceptível por meio de ambientes, atmosferas e tons. Se os lugares são um “mundo polifônico”, como indica esse autor (Sansot, 1986), em nossa predisposição para sentir (como atitude e postura sociológica): exigir-se-ia do pesquisador posicionar-se para estar à escuta dos espaços, sentir o cheiro dos caminhos e cruzamentos, tocar as energias efervescentes, lançar olhares para as fenomenalidades das experiências. A questão do *sensível* nos oferece a oportunidade não só de nos aprofundarmos nos arcanos do imaginário urbano, mas também de adentrarmos em um universo de sentidos e significados e de produção precária de conhecimentos.

Lançamo-nos assim em uma jornada teórica e prática avançando entre as páginas deste livro (nem sempre inteiramente acessível e/ou visível) que é a metrópole nas experiências das deambulações: sentindo-a, experimentando-a e tocando-a em seus componentes flutuantes de significado. Em certo sentido, embarcamos em uma complexa jornada de imagens urbanas sensíveis que nos levam a deparar com várias produções atmosféricas que têm um efeito sobre nossa corporalidade e sensorialidade. Assim, salienta-se que atentar para a articulação e as interfaces entre imaginário, sensibilidade e cidade é fundamental para a compreensão dos desdobramentos das atmosferas e das ambiências como elementos de contaminação, como vetores relevantes que contribuem para a construção e percepção de uma “realidade vivida”.

Portanto, partiu-se do pressuposto de que os estudos das ambiências e dos imaginários das cidades possibilitariam a renovação de conhecimentos, alicerçando-se principalmente nas análises das representações coletivas, das variações simbólicas e espaciais, da miríade de imagens e das múltiplas percepções sensíveis dos atores. A aposta aqui é a de que as atmosferas, tons e ambiências deveriam ser levadas especialmente em conta nas pesquisas urbanas, pois possibilitariam colocar em xeque certos esquematismos interpretativos, sugerindo outros sentidos e significados relevantes que contaminariam diferentes maneiras e intensidades a vida cotidiana.

Pode-se assim dizer que imagens, símbolos, estilos de vida e expressões culturais seriam o reflexo de um magma do imaginário sensível que adquire relevância nas experiências sociais urbanas e nas vivências fenomenológicas. Essas vivências passam pela estética das atmosferas (Böhme, 2020; Griffero, 2017) e nos indicam que as valências das experiências são flutuantes, ou seja, deslizam por níveis de sentido, oscilam por modalidades sensoriais. Assim, formam-se nas tramas urbanas tonalidades espaciais, nas quais os atores, como seres sensíveis, se projetam. Ser projetado é uma condição de existência, um gesto imersivo que nos coloca em ressonância com os meios. Nessa ressonância, sentimos as reverberações de lugares e atmosferas e somos impactados pelos afetos que nos mobilizam de alguma maneira. Vale dizer que em geral as experiências se traduzem em tonalizações, as quais nos envolvem e se incrementam as vivências nos espaços percorridos e ocupados nas temporalidades urbanas.

Portanto, refletir sobre o imaginário urbano sensível nos conduz a examinar o significado simbólico de nossas presenças espaciais. De certa forma, implica levar em conta os sentidos e significados construídos pelos atores, possibilitando não só evidenciar a diversidade cultural das nossas práticas cotidianas, mas também levar mais a sério nas análises o valor das emoções coletivas. Assim, partimos aqui do pressuposto de que os estudos das ambiências e atmosferas contribuem para a construção de uma interpretação mais densa da vida social urbana.¹

Edição do seminário realizado no Brasil e organização desta publicação

Tendo em vista o que foi assinalado anteriormente, nesta coletânea visamos problematizar a complexidade da(s) realidade(s) urbana(s), especialmente através do emprego de uma “epistemologia sensível” (Simmel, 2013) que se debruçou especialmente sobre variadas ambiências, atmosferas e tonalidades. De modo geral, tomando como referência uma perspectiva teórica interdisciplinar, as questões foram tratadas aqui a partir de uma abordagem fenomenológica difusa – que acionou como ferramentas observações de campo, semioses, corpografias e derivas urbanas – através da qual se buscou repensar variados conjuntos de experiências sensíveis em diferentes localidades, que colocaram de certa forma à mostra e em análise a “carne do mundo sensível” (Thibaud, 2020, p. 173).

Evidentemente, o mundo urbano contemporâneo crescentemente vem desafiando a nossa capacidade de compreensão e os modelos de inteligibilidade. Cresce a percepção entre os pesquisadores da cultura urbana de que para compreender melhor as transformações do mundo em que vivemos de-

¹ Vale salientar que os imaginários das atmosferas e ambiências, por meio de suas formas variáveis, poderiam ser considerados (re)interpretações das experiências que ofereceriam ao mesmo tempo acesso ao que sentimos e experimentamos nos espaços (por meio das disposições sensíveis e estéticas dos atores). Entretanto, o imaginário é mais do que um campo de estudo e uma via de acesso precária e provisória à complexidade, fugacidade e pluralidade de dimensões da realidade social: sua polissemia de fabulações andaria de mãos dadas com a polissemia de ambiências e atmosferas urbanas, as quais ofereceriam miríades de sentidos e significados às práticas sociais realizadas nos espaços. Portanto, poderíamos afirmar que o imaginário das atmosferas e ambiências é também vetor constitutivo da vida social urbana (La Rocca, 2018).

vemos atentar com cuidado para as experiências sensoriais, inclusive aquelas aparentemente mais banais e cotidianas. Nesse contexto, estudar as ambiências, atmosferas e tonalidades ganha cada vez mais relevância nas pesquisas sobre as tramas complexas das metrópoles, que concentram crescentemente a maior parte da população mundial. Nesse sentido, Thibaud postula que:

[...] é importante entender que a ambiência não é um domínio sensível entre outros, mas sim aquilo pelo qual o mundo se torna sensível. Desse ponto de vista, a ambiência não seria outra senão a carne do mundo sensível. Portanto, ela não é um objeto de percepção – como um espetáculo ou até mesmo uma paisagem poderia ser, por exemplo –, mas a própria condição da percepção (Thibaud, 2020, p. 173).

Por conseguinte, diferentemente do que sugere um senso comum que valoriza prioritariamente os objetos e as substâncias no cotidiano das urbes, Thibaud defende que as ambiências e atmosferas (e, evidentemente, os imaginários associados) ocupariam de certa maneira uma centralidade na produção de sentidos e significados: tendo em vista que para esse autor não perceberíamos as ambiências propriamente ditas. Para ele, nós perceberíamos o mundo social justamente através das ambiências. Essa observação seria fundamental, pois coloca as ambiências (e atmosferas) no lugar por excelência de formação de hábitos perceptivos por parte dos atores, “[...] de ativação de esquemas sensorio-motores e de envolvimento de relação social e estética com o mundo” (Thibaud, 2020, p. 174).

Vale salientar, a esta altura, que as ambiências e atmosferas têm particularmente nos interessado, pois partimos do pressuposto de que essas filtram de certo modo o que é perceptível e imperceptível na vida urbana, contribuindo de forma relevante nos processos de ressignificação e compartilhamento do sensível nas localidades. Evidentemente, as ambiências são associadas também aos estudos que tratam dos níveis de qualidade de vida urbana, isto é, recorrentemente é inscrita no debate sobre espetacularização e relacionada aos processos de reificação das dinâmicas das cidades neoliberais globalizadas. Entretanto, como no caso de boa parte dos pesquisadores que participam deste livro coletivo: as pesquisas de ambiências podem ser acionadas dentro de uma perspectiva mais crítica da lógica funcionalista

reinante nas grandes metrópoles. Frequentemente, esses estudos do imaginário urbano se dedicam particularmente a repensar criticamente os processos de aceleração, consumo, individualismo ou mesmo problematizar as dinâmicas de construção de *branding* e/ou *marketing* urbano contemporâneo: de maneira recorrente, é possível constatar que essas investigações fazem emergir ambiências, atmosferas e imaginários menos visíveis e perceptíveis, que evidenciam tonalidades, narrativas e memórias dissensuais e de minorias que têm grande relevância social, especialmente em territórios menos democráticos e/ou marcados violências estruturais e por grandes desigualdades sociais.

Portanto, essa iniciativa, que culminou na organização da edição brasileira do seminário *Metrópole Sensível*² em 2024 e nesta coletânea de mesmo título, foi motivada por afinidades e inúmeras inquietações coletivas dos pesquisadores organizadores, os quais têm buscado nos estudos das ambiências e atmosferas a construção de uma epistemologia sensível (Simmel, 2013) que possibilitaria uma compreensão menos desencarnada e esquemática da vida urbana na atualidade (Zumthor, 2006; Thibaud, 2020; Augoyard, 2020).

Nesse sentido, pode-se dizer que essa iniciativa é resultado de alguns intercâmbios: primeiramente aquele proporcionado pelas parcerias construídas nos últimos anos pelos Programas de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ e da UERJ com o Departamento de Sociologia da Universidade Paul-Valéry³; – mais especificamente com os pesquisadores do Laboratório de Pesquisa sobre Imaginário (LEIRIS) – e, ao mesmo tempo, outra gerada pela participação destacada dos organizadores dessa iniciativa no projeto de pesquisa interinstitucional intitulado “Identificando potencialidades nas cenas locais e subsidiando políticas culturais renovadas para as principais Cidades Musicais do país” (apoio CNPq), entre 2023 e 2024.

Assim, a partir desses profícuos intercâmbios, que se intensificaram nos últimos anos, amadureceu a proposição de se trazer pela primeira vez ao

² Salienta-se que o seminário *Metrópole Sensível* foi idealizado e vem sendo organizado, com grande êxito, há vários anos por Fabio La Rocca: no LEIRIS na Universidade Paul-Valéry (em Montpellier, na França).

³ Assim, destaca-se também que as iniciativas de mobilidade acadêmica (envolvendo docentes e estudantes de pós-graduação) e o convênio entre essas instituições de ensino superior vêm ampliando as parcerias entre essas universidades.

Brasil a organização desse seminário (e desta publicação), o qual foi realizado entre os dias 28 de outubro e 1º de novembro de 2024 nos auditórios do Centro Cultural Hélio Oiticica e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ. Como pode-se constatar nesta coletânea, participaram desse encontro acadêmico internacional – além dos organizadores e quadros dos grupos de pesquisa envolvidos – um conjunto de importantes pesquisadores e especialistas que vêm se dedicando direta e indiretamente a repensar a relevância hoje da temática do imaginário, das ambiências, atmosferas e tonalidades nas cidades, tais como: Andriolli de B. Costa (UERJ), Claudia Attimonelli (Universidade de Bari), Cristiane Rosa Duarte (UFRJ), Erick Felinto (UERJ), Fernando Gonçalves (UERJ), Renata de Rezende Ribeiro (UFF), Vincenzo Susca (UPVM) e Victa de Carvalho (UFRJ).

Assim, ao longo desta publicação coletiva intitulada *Metrópole Sensível – ambiências, atmosferas e tonalidades*, é possível encontrar quatorze artigos e ensaios divididos em duas seções. Abrindo a primeira parte, intitulada “Afetos, corpos e imaginários urbanos”, La Rocca propõe considerar a cidade afetiva e emocional atual a partir da metáfora da “blob-city”, em geral representada por formas orgânicas sinuosas e curvas, em torno das quais se produziriam atmosferas e vínculos afetivos relevantes. Em seguida, Nascimento toma o debate sobre “empatia espacial” como uma metodologia de estudo e um aspecto relevante para compreender o destaque alcançado pelas ambiências no dia a dia. Logo depois, em seu artigo, Souza propõe uma abordagem fenomenológica multissensorial baseada em sondagens, através da exploração urbana de arquiteturas em ruínas na cidade de Aarhus, localizada na Dinamarca. Na sequência e explorando a plasticidade das experiências e dos imaginários corporais: a partir da análise do estudo de caso de tumbas localizadas em Punta Arenas e Recoleta, Felinto constrói uma análise fenomenológica do “cemitério como espaço comunicacional limítrofe”, de encontro entre o tangível e o intangível. E, fechando esse primeiro minibloco, Pereira e Furtado problematizam as experiências cinéticas urbanas, as quais se referem à vivência sensorial e perceptiva do movimento em ambientes urbanos e de interação com elementos da cidade, tais como pessoas, edifícios e sons.

Dando sequência a essa primeira parte e explorando outros tipos de ambiências – especialmente aquelas relacionadas à mobilização de formas de ativismo (Fernandes *et al.*, 2022) – temos três artigos que analisam in-

tervenções nos espaços urbanos que afetam em alguma intensidade o imaginário da cidade do Rio de Janeiro. Primeiramente, Gama analisa algumas práticas artísticas sonoro-musicais que ocupam as ruas construindo formas potentes de comunicação e de ambiências urbanas. Na sequência, Fernandes e Herschmann repensam a relevância das ambiências dissensuais geradas pelas “manifestações-cortejos do CarnaLula” no bairro de Copacabana, por ocasião das eleições presidenciais de 2022 no Brasil, as quais permitiram construir táticas e astúcias (De Certeau, 1995) para que os atores enfrentassem a atmosfera de medo que se vivia intensamente naquele momento. Fechando a primeira parte desse volume, e a partir de uma pesquisa com os grafites elaborados pelo artista visual Thiago Vaz na cidade do Rio de Janeiro, Costa analisa o processo de atualização do mito rural do Saci no imaginário da metrópole contemporânea.

Abrindo a segunda parte da coletânea, intitulada “Imagens, memórias e experiências”, Leite e Farias repensam as atmosferas e os imaginários urbanos nostálgicos construídos pelo filme *Retratos fantasmas* (de Kleber Mendonça) sobre o Centro de Recife.

Em seguida, o leitor encontrará outro minibloco, centrado em experiências fotográficas: no primeiro artigo, Carvalho analisa o trabalho de uma nova geração de artistas interessados no cotidiano das ruas das grandes metrópoles, produzindo obras fotográficas que retomam o debate sobre os condicionamentos diários e as suas possibilidades de construção de linhas de fuga das ambiências pré-programadas das metrópoles. E, depois, Gonçalves, Belo, Rocha e Duarte no seu ensaio coletivo problematizam questões de raça, gênero, sexualidade e ancestralidade na produção fotográfica de artistas populares da cidade do Rio de Janeiro.

E, finalizando este volume, temos três artigos provocativos que repensam as dificuldades e possibilidades de construção de outras experiências urbanas, mais potentes e transformadoras, ainda que o contexto contemporâneo seja bastante adverso e marcado especialmente pela intensa vigilância e precarização da vida social. Nesse sentido, Attimonelli – apoiada nas reflexões desenvolvidas por Fischer (2021) – sugere que a aceleração e hiperstíção caracterizariam o cotidiano e o imaginário atual. Em seguida, apesar de levar em conta também esses enormes desafios, Susca em seu ensaio especula sobre a possibilidade de emergência de uma “ética do subsolo”

capaz de exaltar o *húmus* e a Terra, a qual permitiria que se produzissem atmosferas que tensionam de certa maneira com a ordem vigente. Encerrando esta publicação, Ribeiro problematiza a força mobilizadora dos afetos e dos vínculos corporais construída nas ambiências digitais.

Agradecimentos

Não poderíamos concluir esta introdução e apresentação sem agradecer àqueles que contribuíram direta e indiretamente na organização e concretização desse conjunto de atividades que foram realizadas entre 2023 e 2024, as quais fazem parte dos resultados que apresentados no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “Identificando potencialidades nas cenas locais e subsidiando políticas culturais renovadas para as principais Cidades Musicais do país” (apoio Edital Pró-Humanidades do CNPq). Portanto, deixamos registrado o nosso muito obrigado aos seguintes colaboradores: Alison Brandão, Andrew Snyder, Carla Helal, Carlos H. Cavalcanti, Cristiane Rosa Duarte, Cristiane Corrêa, Daniel Araújo, Eduardo Bianchi, Gabriel Gutierrez Mendes, Indira Oliveira, Jeder Janotti Junior, Jhessica Reia, João Grand Jr., Jorge Cardoso Filho, Larissa Pacheco, Laurine S  zerat, Leonardo de Marchi, Lia Calabre, Luana Rodrigues, Luis P. Gomes, Marialva Barbosa, Mariana Cardin, Mauricio Rizzo de Lima, Michelle Ezaquiel, Nadja Vladi Gumes, Paola B. Jacques, Philippe Joron, Priscila Bittencourt, Rafael de Jesus da Silva, Renata Dias Oliveira, Richard G. da Silva, Silvia Borelli, Simone Luci Pereira, Simone Pereira de S   e Thales L. Aquino.

Aproveitamos têm essa oportunidade para agradecermos imensamente   três das principais agências de fomento   pesquisa do país – não apenas ao CNPq (principal apoiador desta iniciativa), mas têm a FAPERJ e CAPES – pelos recursos diretos e indiretos que possibilitaram a realiza  o do Seminário Internacional *Metrópole Sensível* e a publica  o de parte dos textos dos palestrantes convidados.

Concluindo este texto inicial, gostaríamos de advertir aos leitores que essa publica  o   dirigida a um público mais amplo, interessado em repensar a relevância de estudar de maneira sensível o ecossistema urbano, que evidencia: não só a força dos biopoderes (Foucault, 2010) nos espaços urba-

nos e na conformação das experiências nas cidades, mas também a presença de afetos e formas de vida urbana dissensuais (e não necessariamente sempre mercantilizados), mais opacos e menos perceptíveis, os quais vêm possibilitando também a ressignificação dos atores e (re)construção dos imaginários no cotidiano das metrópoles.

Referências

- AUGOYARD, Jean-François. Uma travessia das ambiências. In: DUARTE, Cristiane R.; PINHEIRO, Ethel (org.). *Arquitetura, Subjetividade e Cultura*. Rio de Janeiro: Riobooks, 2020.
- BÖHME, Gernot. *Aistétique. Pour une esthétique de l'expérience sensible*. Dijon: Les Presses du Réel, 2020.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FERNANDES, Cíntia S. (org.). *Artivismos Urbanos*. Porto Alegre: Sulina, 2022.
- FISCHER, Marc. *Postcapitalist Desire*. Nova York: Repeater, 2021.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- GRIFFERO, Tonino. *Atmosferologia. Estetica degli spazi emozionali*. Milano: Mimesis, 2017.
- LA ROCCA, Fabio. *A cidade em todas suas formas*. Porto Alegre: Sulina, 2018.
- PARK, Robert E.; BURGESS, Ernest W.; MCKENZIE, Roderick. *The city*. Chicago: University of Chicago Press, 1925.
- SANSOT, Pierre. *Poétique de la ville*. Paris: Klincksieck, 1971.
- SANSOT, Pierre. *Les formes sensibles de la vie sociale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1986.
- SIMMEL, Georg. Sociologie des Sens. In: *Les grandes villes et la vie de l'esprit*. Paris: Payot, 2013.
- THIBAUD, Jean-Paul. Rumo a uma ecologia ambiente do urbano. In: DUARTE, Cristiane R.; PINHEIRO, Ethel (org.). *Arquitetura, subjetividade e cultura*. Rio de Janeiro: Riobooks, 2020.
- ZUMTHOR, Peter. *Atmósferas*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.